

POESIA E HABITAÇÃO

"Isso é muito lindo, *mas* é poesia". Eis uma expressão que se parece ter tornado hoje um lugar comum. O "mas" da poesia patenteia a sua ineficacidade e a sua inofensividade. Coisa de poetas, que cada vez têm menos espaço no mundo actual, a poesia tornou-se aquele tipo de actividade humana que, brincando com a linguagem e com as palavras, se entrega aos devaneios do imaginário, às construções artificiais e fictícias, ao ludismo estéril e improdutivo com que se matam as horas vagas, ou se escapa, por breves momentos, à verdade da realidade. Talvez até porque a realidade tenha hoje uma outra verdade.

A poesia, com efeito, não prova nem comprova, carece de objectividade enunciativa. Que outro destino poderia então ter ela nos dias de hoje em que o "cientificamente provado" se tornou a palavra ditadora da verdade, embora também instauradora do silêncio?

Tecnicamente o homem habita o mundo.

Mas, se assim fosse, seria ainda legítimo falar de habitação?

"Cada vez menos, diz Heidegger, a habitação é pensada como o traço fundamental da condição humana"¹. Na verdade, o habitar reduziu-se hoje ao alojamento que a casa proporciona. A casa, ela mesma, deixou de ser lugar de habitação: ela passou a ser um lugar de refúgio, um lugar onde o homem se furta à companhia violenta do mundo. O mundo não é mais o solo fértil no qual o homem encontra as suas raízes. Ele tornou-se desértico e ameaçador, hostil e violento. E não há violência maior que a do desenraizamento, por-

¹ M. Heidegger, *Essais et Conférences*, trad., Gallimard, 1958, pp. 174.

que ela atinge o homem no seu íntimo¹.

A crise actual da habitação (que não é a do alojamento) é correlativa do processo de desenraizamento que teve início com a técnica moderna².

Ela é correlativa da asfixia do pensamento meditante em detrimento de um pensamento assustado e irrequieto, o pensamento calculador³.

Ela é correlativa de instrumentalização da linguagem e da desvalorização, senão anulamento, do poético, relegado para um campo ou ramo do domínio literário, e exactamente para aquele mais afastado da realidade, mais entregue aos devaneios inofensivos e eficazes do imaginário.

Hoje, quando a linguagem se tornou simples meio, o pensamento puro cálculo e a casa o alojamento que refugia, podemos bem falar de desenraizamento e de crise de habitação.

Podemos mesmo perguntar se nesta crise se não joga o próprio destino do homem enquanto homem⁴.

¹ "O enraizamento do homem está hoje ameaçado no seu ser mais íntimo. Este desenraizamento não é apenas causado pelas circunstâncias exteriores ou pela fatalidade do destino; e não é apenas efeito da negligência dos homens, do seu modo superficial da vida. O desenraizamento procede do espírito da época na qual o nosso nascimento nos fixou". M. Heidegger, *Questions III*, trad., Gallimard, 1966, pp. 169.

² A essência da técnica não tem, segundo Heidegger, nada de técnico. Ela concerne ao modo como o homem se coloca face ao desvelamento da verdade, e exprime portanto um modo de interpelação pelo qual o homem é requerido a desvelar o real. Na técnica moderna esta interpelação é uma interpelação provocante que Heidegger traduz pelo termo alemão 'Gestell' (Arraisonnement, pôr sob a razão): "Agora, este apelo provocante que reúne os homens (em torno da tarefa) de cometer como fundo aquilo que se desvela, nós chamamo-lo - l'Arraisonnement". (M. Heidegger, *Essais et Conférences*, trad. Gallimard, 1958, pp. 26).

³ Sobre a dupla pensamento meditante/pensamento calculador, cf. M. Heidegger, "Sérénité" in *Questions III*, trad., Gallimard, 1966, p. e. pp. 166.

⁴ Essa é a opinião de Heidegger que pensa que o que está em jogo é a própria essência pensante do homem e que o mais grave

Mas eis que em tempos de crise a poesia parece ganhar outra face. Nela se vislumbra uma nova pertinência de sentido, nela se procura a vitória sobre a fadiga linguística, nela se buscam propriedades ainda não nomeadas e inauguradoras no pleno sentido da palavra.

Em tempos de crise, a poesia parece ser chamada à sua tarefa instauradora e vivificadora. Ela não é mais futilidade. A partir dela procuramos encontrar o sentido do nosso falar caído na inautenticidade. A poesia, outrora instauradora, parece ser em tempos de crise restauradora. Neste sentido se pode dizer que "a poesia procura restaurar a linguagem reconduzindo-a às suas fontes, já que o uso faz pesar sobre a linguagem a ameaça incessante da degradação"¹.

Em tempos de crise, pois, parece a poesia ganhar outra face. Torna-se então pertinente indagar com Hölderlin "... e porquê poetas em tempos de crise..." ou perguntar com Heidegger pela essência da poesia. Porque, afinal, talvez a crise da habitação e o esquecimento da essência instauradora da poesia andem a par. Vejamos pois, agora de perto, as ideias centrais do ensaio heideggeriano *Hölderlin e a essência da poesia*. Talvez por ele possamos a ceder a um caminho onde habitação e poesia se confundam e se en trelacem de tal forma que, a partir da compreensão da sua pertença mútua, se possa igualmente compreender a crise actual da habitação pela degradação e desatendimento do carácter instaurador e restaurador da poesia.

perigo é "não considerarmos que aquilo que os meios técnicos nos preparam é uma agressão contra a vida e contra o próprio ser do homem e que perante esta agressão a explosão de uma bomba de hidrogénio pouco significaria". (M. Heidegger, op. cit., pp. 174). Perante esta agressão trata-se de manter o pensamento "acordado" e assumir uma postura de equilíbrio que permita, num mundo técnico e rodeado de aparelhos, a possibilidade do enraizamento: "Quando a corda em nós o equilíbrio da alma perante as coisas e o espírito se abre ao segredo, podemos então ter esperança de chegar a um ca minho que conduz a uma nova terra, a um novo solo. Neste solo, a criação das obras duráveis poder-se-á enraizar de novo". (M. Heidegger, op. cit., pp. 181).

1 M. B. Pereira, "Experiência e sentido", in *Biblos* LV, 1979, pp. 363.

Neste ensaio Heidegger não procura a essência da poesia como o geral que vale para toda a poesia. Trata-se antes de penetrar no próprio da poesia, de vislumbrar o essencial da essência da poesia. Para isso nenhuma obra e nenhum poeta se prestam melhor que Hölderlin e a sua obra, já que, no dizer de Heidegger, ela "está carregada com a determinação poética do poetizar a própria essência da poesia. Holderlin é para nós, em sentido extraordinário, o poeta dos poetas"¹.

A forma pela qual Heidegger se propõe chegar ao essencial da essência da poesia é a análise de cinco frases-chave de Holderlin sobre a poesia. O ensaio divide-se assim em cinco partes, sendo cada uma delas dedicada a uma frase-chave.

1. "Poetizar: a mais inocente das ocupações" (1ª frase-chave)

Em que sentido é a poesia a "mais inocente"? Ela é o aspecto lúdico da linguagem, mostrando-se na modesta forma do jogo. Ela é um jogo inofensivo e ineficaz, que, fora do comprometimento da decisão, habita na inocência da linguagem. A poesia, diz-nos por agora Heidegger, é do domínio da linguagem; e que diz Holderlin da linguagem?

2. A segunda frase chave de Holderlin sobre a linguagem encontra-se no poema *No Bosque*. Diz este o seguinte:²

O nobre veado

Mas em choupanas vive o homem, e embrulha-se em vestes púdicas, pois ele é mais íntimo, mais atento também, e o seu entendimento é que ele conserve o espírito, como a sacerdotiza a chama celeste. E por isso lhe foi dado a ele, ao homem semelhante aos deuses, o arbítrio e o poder superior de errar e executar, e o *mais perigoso dos bens, a língua*, para que ele, criando, destruindo, e afundando-se, e regressando à eternamente

1 M. Heidegger, *Arte y Poesia*, trad., Fondo de Cultura Económica, 1958, pp. 128.

2 Seguimos aqui a tradução de Paulo Quintela em *Hölderlin, Poesias*², trad., Atlântida, Coimbra, 1959, pp. 489. O sublinhado é meu.

viva Mestra e Mãe, *dê testemunho do que é*, do que dela herdou e aprendeu, o que de mais divino ela possui, o Amor que tudo mantém.

Neste poema ao contrário da afirmação de que a linguagem é o mais inocente dos bens aparece a afirmação de que ela é o mais perigoso dos bens. Como conciliar tais afirmações? Heidegger não procura responder desde logo a esta questão; deixando-a em suspenso, coloca três novas questões:

a) A linguagem é um bem de quem? Ela é um bem do homem e este é "aquele que deve mostrar o que é"¹, ou seja, aquele que deve mostrar pela manifestação da sua existência a sua pertença à terra. Diz Heidegger: "o ser testemunha da pertença ao ente na totalidade acontece como história. Mas, para que seja possível esta história se deu a fala ao homem. É um bem para o homem"².

b) Até que ponto é a linguagem o mais perigoso dos bens? Ela é-o na medida em que, se por um lado, nos abre ao ser, por outro, presta-se também para instaurar o seu esquecimento; isso acontece quando a palavra se torna veículo de uma linguagem inautêntica. O perigo reside então no facto de a palavra não oferecer "nunca, de forma imediata, a garantia de ser uma palavra essencial ou uma ilusão. Pelo contrário, uma palavra essencial toma frequentemente, na sua simplicidade, o aspecto de inessencial"³.

c) Em que sentido se pode dizer que a linguagem é um bem? Ela não é apenas um bem porque permite a comunicação ou porque é um instrumento do homem. "A fala serve para entender. Como instrumento eficaz para isso, é um 'bem'. Só que a essência da fala não se esgota no facto de ser um meio de entender-se. Com esta determinação não tocamos a sua própria essência, não indicamos nada mais que uma consequência da sua essência"⁴.

A fala não é pois um bem apenas porque é instrumento. Ela é

1 M. Heidegger, op. cit., pp. 130.

2 idem, ibidem, pp. 131.

3 idem, ibidem, pp. 132.

4 idem, ibidem, pp. 132.

um bem no sentido mais originário pois assegura a possibilidade do homem ser história. Por isso Heidegger diz que "a fala não é um instrumento disponível, mas aquele acontecimento que dispõe à mais alta possibilidade do ser homem"¹.

Assim, para compreendermos a essência da poesia, devemos abordar previamente a essência da fala, e colocar a questão: "Como acontece o falar"?

3. "O homem experimentou já muito.

Deu nome a muitos deuses

desde que somos um diálogo (3ª frase-chave)

e nos podemos ouvir uns aos outros"

Heidegger ressalta desta frase-chave a ideia de que os homens são diálogo, de que a fala acontece antes de mais como diálogo. A fala só de uma forma secundária é um reportório de palavras e de regras sintáticas; ela é primordialmente diálogo, isto é, repousa na possibilidade de uma escuta mútua. "Poder falar e poder ouvir são igualmente originários"². A essência do diálogo é esta pertença originária do falar e do escutar, unidade que carrega a existência do homem, que faz com que o homem seja o aí do ser: "o diálogo e a sua unidade é portadora da nossa existência (Dasein)"³. O homem, enquanto diálogo com o ser é existência. Mas desde quando é o homem um diálogo? Diz-nos Heidegger que "somos diálogo desde o tempo em que o 'tempo é'. Desde que o tempo surgiu e se fez estável, somos históricos. Ser um diálogo e ser histórico são ambos igualmente antigos, pertencem-se um ao outro e são o mesmo"⁴.

O homem é diálogo desde o momento em que respondeu ao apelo de o ser; respondendo a tal invocação o homem fez-se história, isto é, inscreveu a sua resposta na responsabilidade de um destino.

Mas, como começa este diálogo que somos? Quem realiza o nomear dos deuses? Quem capta no tempo que passa algo permanente e o

1 idem, ibidem, pp. 133.

2 idem, ibidem, pp. 134.

3 idem, ibidem, pp. 134.

4 idem, ibidem, pp. 135.

conserva numa palavra?

4. "Mas o que permanece, instauram-no os poetas" (4ª frase-chave).

Segundo esta frase de Holderlin, "a poesia é instauração na palavra e pela palavra". A poesia instaura o permanente ao conferir uma unidade à palavra e ao ser, ao instaurar a palavra primeira que desvela o ser ao fazer do ser, palavra. A poesia é assim "instauração do ser com a palavra"¹. Esta instauração é uma criação originária e livre e instaura a intimidade da palavra e do ser que nos abre aos entes.

Não é a partir dos entes que a palavra é instauradora; pelo contrário, é a partir da palavra instauradora que os entes se doam como entes, que eles são colocados ao abrigo do ser. Neste sentido diz Heidegger que "o ser nunca é um ente. Mas uma vez que o ser e a essência das coisas não podem ser calculados nem derivados do existente, devem ser livremente criados, postos e doados. Esta livre doação é instauração"².

Aos poetas incumbe esta instauração que para além de ser uma livre doação confere ainda a fundamentação à existência humana na sua razão de ser.

5. Isto nos conduz à última frase-chave: "Cheio de méritos, mas é poeticamente que o homem habita esta terra".

Dizer que o homem habita poeticamente a terra quer dizer que a existência humana é poética no seu fundamento, e que a instauração deste fundamento não é um mérito do homem mas um dom. Oíçamos o próprio autor: "'Habitar poeticamente' significa estar na presença dos deuses e ser tocado pela essência próxima das coisas. Que a existência seja 'poética' no seu fundamento quer dizer igualmente que o estar instaurada (fundada) não é um mérito mas uma doação"³.

A poesia não é assim um mero adorno que dá cor à existência,

1 idem, ibidem, pp. 137.

2 idem, ibidem, pp. 138.

3 idem, ibidem, pp. 139.

ou uma forma de expressão cultural. Ela está pelo contrário na origem de toda a cultura e de toda a história, na medida que é a partir dela que a própria linguagem se torna possível. A poesia instaura o ser na linguagem e edifica-a como a habitação onde a existência humana toma raízes. Conferindo um enraizamento ao homem a poesia é um "fazer habitar" originário e original do homem na linguagem. Por isso afirma também Heidegger numa outra conferência, "...L'homme habite en poète..." que "a poesia é a potência fundamental da habitação humana"¹.

Por ela é dada ao homem a condição que lhe é própria: a de habitante: "ser homem, diz Heidegger, quer dizer estar sobre a terra como mortal, isto é, habitar"².

A essência da poesia não deve então ser entendida a partir da essência da linguagem; é antes a linguagem que deve ser entendida a partir da essência da poesia.

A poesia é o acto instaurador pelo qual a linguagem se torna uma habitação, o abrigo do ser, no qual o homem permanece e se faz história. Neste sentido diz Heidegger que "a poesia é a linguagem primitiva de um povo histórico"³, porque no fundo o essencial da essência da poesia coincide com o ser mesmo da habitação que antecipa um tempo histórico. E a essência histórica, acrescenta Heidegger, "é a única essência essencial"⁴.

O fundamento da existência humana é então diálogo como o próprio acontecer da linguagem na medida em que "a linguagem é a poesia como instauração do ser"⁵.

Poderemos compreender então em que sentido a poesia é à vez o mais perigoso dos bens e a mais inocentes das ocupações. Compreendê-lo, é também perceber a essência plena da poesia. Ela é o mais perigoso dos bens, porque pelo seu poder instaurador se joga o destino do homem na fronteira débil da loucura. E o poeta é aquele

1 M. Heidegger, *Essais et Conférences*, trad., Gallimard, 1958, pp. 244.

2 idem, *ibidem*, pp. 173.

3 M. Heidegger, *Arte y Poesia*, trad., Fondo de Cultura Económica, 1958, pp. 140.

4 idem, *ibidem*, pp. 147.

5 idem, *ibidem*, pp. 140.

que, "projecttado para fora" do quotidiano vive o equilíbrio precário entre a claridade excessiva e as trevas. O perigo, comprova-o o próprio destino de Hölderlin. Ela é todavia inocente e a sua inocência reside na sua insistente ligação à realidade. "A poesia desperta a aparência do irreal e do fictício, frente à realidade palpável e ruidosa na qual nos julgamos em casa. É sem dúvida o contrário, pois que o que o poeta diz e tomo por ser é a realidade"¹.

A poesia não é afinal um mero jogo, um mero ludismo: ela reúne os homens sobre a base da sua existência. Ela é, em si mesma, "instauração na sua essência, isto é, fundamento firme"². Enquanto instauração do ser, a poesia tem uma dupla vinculação que constitui a sua lei íntima, e que coloca o poeta no *entre* diferencial dos deuses e dos homens. Os deuses, que nos deram a fala pela qual os podemos nomear de uma forma original e poética, falam eles mesmos por signos. O dizer poético é o que surpreende esses signos para os transmitir ao povo. "Este surpreender os signos é à vez uma recepção e sem dúvida uma nova doação; pois o poeta vislumbra no 'primeiro signo' também já o acabado, e põe audaciosamente o que viu na sua palavra para predizer o todavia não cumprido"³. Ao fazê-lo, a palavra poética torna-se também a interpretação da "voz do povo".

"Assim, a essência da poesia está encaixada no esforço convergente e divergente da lei dos signos dos deuses e a voz do povo. O próprio poeta está entre aqueles, os deuses, e estes, o povo. É um 'projectado fora', fora naquele entre, entre os deuses e os homens. Mas só neste entre, e pela primeira vez se decide quem é o homem e onde se funda a sua existência. 'Poeticamente o homem habita esta terra' "⁴.

1 idem, *ibidem*, pp. 143.

2 idem, *ibidem*, pp. 145.

3 idem, *ibidem*, pp. 144.

4 idem, *ibidem*, pp. 145.

Hölderlin recebe de Heidegger o epíteto de "o poeta dos poetas"; talvez ele, mais do que ninguém, "consagrou o seu vocabulário poético, com a maior simplicidade, a este reino intermédio"¹ que verdadeiramente instaura, isto é, faz habitar².

Rui Grácio

1 idem, *ibidem*, pp. 146.

2 Este texto foi apresentado na aula prática da cadeira de Filosofia da Linguagem, em 27 de Janeiro de 1986.